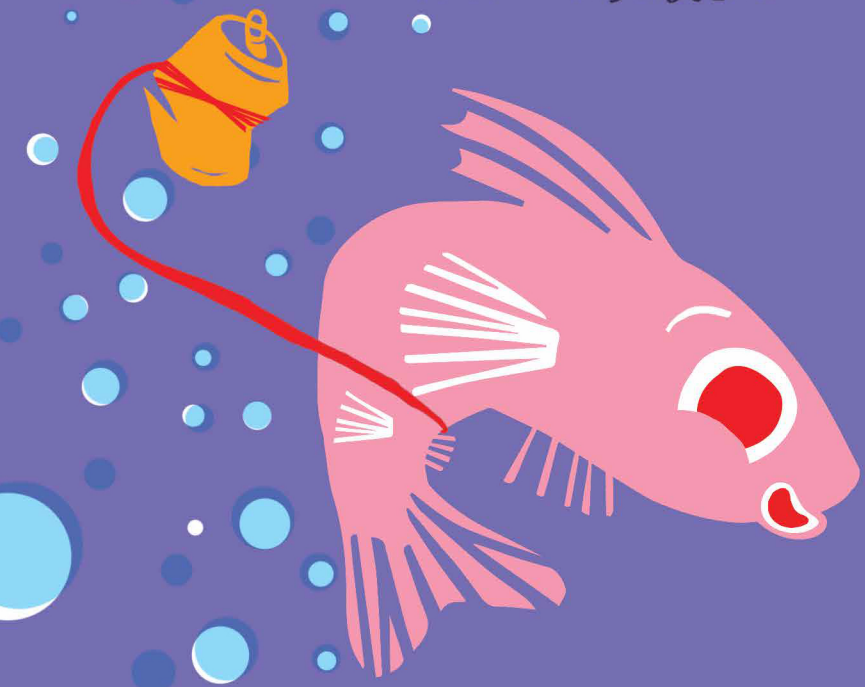
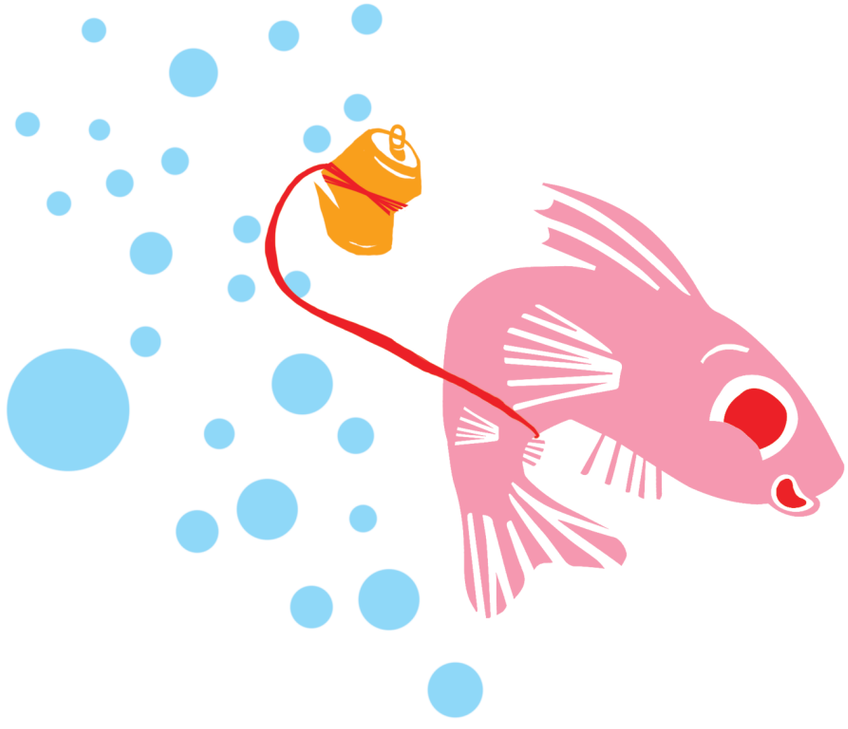
THIAGO CASCABULHO



AMIGA LATA, AMIGO RIO

ILUSTRAÇÃO
ESTÚDIO REBIMBOCA

PELO BEM DO PLANETA
caraminholas



AMIGA LATA, AMIGO RIO

THIAGO CASCABULHO

ILUSTRAÇÃO
ESTÚDIO REBIMBOCA

caraminholas

SUMÁRIO

5 Vai um cascudo?

6 Nadando contra a corrente

10 Dona língua

17 Uma nova amiga

22 O caminho de águas claras

28 Encontro com o humano

35 Nascente

41 Recomeço



VAI UM CASCUDO?

A personagem da história contada aqui é um cascudo. Você já ouviu falar do cascudo? Se alguém perguntasse o que é um cascudo, você saberia responder ou ficaria com medo de levar um "cascudo" na cabeça?

Na verdade, o cascudo é um peixe – e muito conhecido! Se você visse este pequeno peixe de rio, aposto que diria: "Para que quero conhecer esse tal de cascudo? Ele é feio. Vive na lama e no lodo. Que nojo!"

Bem... Ele pode ser tudo isto, sim, até concordo. Mas este que vocês irão conhecer agora é muito, muito mais do que um simples peixinho de rio! Vamos entender por quê?



NADANDO CONTRA A CORRENTEZA

Douradinho não é um cascudo comum. Afinal, se ele fosse igual a todos os outros, não seria chamado Douradinho. Os cascudos geralmente têm cor escura, ficando bem escondidos na lama e no lodo dos rios. Douradinho também era assim, mas um pequeno acidente acabou deixando-o diferente.

Tudo aconteceu quando ele passeava pelo fundo do rio procurando algum alimento e... zapt!, um anzol ficou preso em sua nadadeira. Como se não bastasse, havia uma lata amassada amarrada ao anzol. A lata era dourada e reluzia muito. Como o peixinho passou a arrastá-la consigo para todos os lugares, ganhou o apelido de Douradinho.

O cascudinho vivia perto da foz de um rio muito poluído, e por isso sua vida sempre foi muito difícil. Às vezes, o local ficava tão deserto... Douradinho sentia-se solitário, já que quase não tinha companhia. Assim, conversava a maior parte do tempo com a latinha, que estava sempre brilhante no meio de tanta sujeira.

— Oi, lata! Você ainda está aí? — perguntou Douradinho, querendo puxar assunto. — Agora sei por que me segue! Você não tem mais ninguém com quem conversar...

Um dia, Douradinho encontrou um velho conhecido, um cascudo idoso, que estava desesperado:

— Não aguento mais, jovem Douradinho! Vivo doente neste rio fedorento! Dizem que subindo a correnteza existe um paraíso, mas não tenho forças para nadar para longe. Vou parar de nadar e deixar que o rio me leve até o mar, que chamam de "o desconhecido". Lá poderei descansar em paz... Vamos comigo?

— Posso pensar, senhor? Podemos nos encontrar mais tarde. — disse Douradinho ao velho cascudo.

Como não sabia o que fazer, Douradinho conversou muito com sua lata:

— E agora, Latinha? Tenho medo do mar desconhecido, mas também não quero ficar aqui sozinho sem poder respirar direito!

Como sempre, a latinha apenas brilhou refletindo a luz do Sol. Então, ele tomou uma decisão.

Mais tarde, quando o dia já havia se transformado em noite, Douradinho foi encontrar o velho cascudo.

— Decidi ir com você até o mar desconhecido... — sussurrou Douradinho, inseguro.

O velho cascudo havia recrutado um grupo de peixes, os quais também estavam ali com ele. Alguns pareciam magros ou doentes, e todos certamente estavam nervo-

sos e com medo. Douradinho olhou uma última vez para sua latinha, com dúvidas se iria encontrá-la no mar.

— Adeus, amiga. — choramingou.

— Vamos! Chegou a hora, camaradas! — gritou o velho cascudo.

Todos os peixes pararam de nadar. A correnteza carregou-os em um turbilhão de velocidade. Batiam-se uns contra os outros, contra o fundo do rio ou até contra o lixo que encontravam no caminho. Douradinho ficou de olhos fechados o tempo todo.

De repente, sentiu um puxão que o fez parar.

— Che-chegamos? — perguntou, trêmulo.

Primeiro, abriu um olho. Depois, o outro. Douradinho viu que não havia ido tão longe, pois sua latinha ficou presa em um monte de lixo, segurando-o, enquanto os outros peixes afastaram-se até sumirem para sempre. O peixinho entendeu aquilo como um sinal de sua amiga pedindo-lhe que não fossem mais para aquela direção.

— Você não quer mais ir até o mar desconhecido?

A latinha apenas brilhava, refletindo a luz da Lua. — Não quer, Latinha? — mais brilho. — Então, vamos nadar para o outro lado, contra a correnteza! Vamos viver uma aventura diferente da dos outros peixes!

DONA LÍNGUA

Douradinho e sua lata decidiram subir o rio, comandar seus destinos e ir contra a correnteza. Era um grande desafio.

— O que encontraremos no caminho, minha amiga? — a lata não respondeu. — Será que existem perigos no lado de lá? Poderemos conhecer mais peixes com quem conversar... Mas e se eles forem maiores e quiserem me devorar? Você me protegerá? Já sei! Você pode confundir a visão dos inimigos com seu brilho!

Douradinho foi conversando e puxando sua latinha noite adentro, até ficar cansado. Eles ainda estavam em uma parte muito poluída do rio, quando, de repente, o cascudinho não conseguia ver mais nada, nem o brilho da Lua, que estava cheia.



— Melhor eu procurar um lugar para dormir... — disse o peixinho.

Nesse momento, uma voz grossa fez-se ouvir:

— Venha dormir aqui. Siga minha voz. Estou bem perto...

Douradinho foi ao encontro da voz. Talvez ela pudesse ajudá-lo a encontrar um abrigo.

— Quem é você? — perguntou Douradinho, nadando em direção à escuridão.

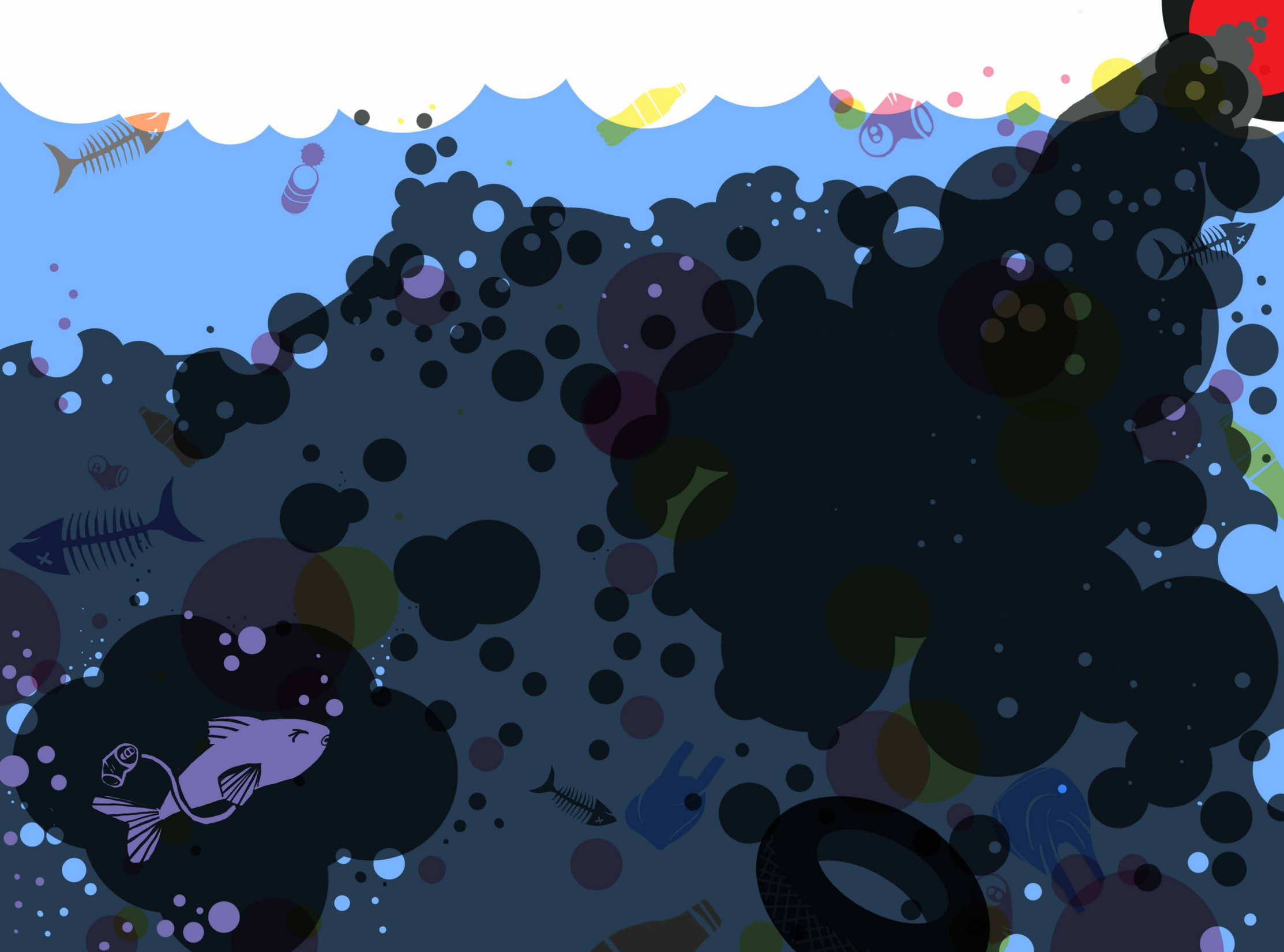
— Sou a Língua Negra, não vê?

— Mas onde você está? — respondeu o peixinho, que ainda não conseguia encontrar a tal Língua Negra.

— Por toda parte... Se você não me vê, é porque já me enxerga. — disse ela, com a voz grossa.

— De onde você vem? — perguntou Douradinho, com medo.

— Do cano acima da superfície. Quer dar uma olhada?



— Mas eu não posso ir para a superfície, Dona Língua Negra. Sou um peixe!

— Curioso. Há muito tempo não abraço um peixe. Pensei que você fosse uma lata dourada.

— Ah! Esta é a minha amiga, a Latinha. Eu estou amarrado a ela. — disse Douradinho.

— Interessante... Nem eu consigo vê-lo...

— É que está muito escuro aqui, Dona Língua! — o peixinho apertava os olhos para enxergar melhor.

— Aqui é sempre assim. — resmungou a Língua Negra.

— Acho que não estou muito bem. — disse Douradinho, tossindo. Ele estava sentindo um cheiro muito ruim, e muito forte.

— A poluição deve estar fazendo mal a você. Mas ela não é tão ruim assim, pois pode dar um fim mais rápido para os que sofrem. Todo mundo gosta de reclamar da poluição, mas na hora de dar descarga, com quem você acha que eles contam?

— Eles quem, Dona Língua?

— Eles. Os seres humanos.

— Quem? — Douradinho nunca em sua vida havia ouvido falar dos seres humanos.

— Homens e mulheres! São criaturas que vivem na superfície. Você não vai gostar de conhecê-los, pois comem peixes. — respondeu a Língua Negra.

— É..., acho bom mesmo não os conhecer! — devolveu Douradinho, já meio tonto.

— Para onde você está viajando? — perguntou a Língua.

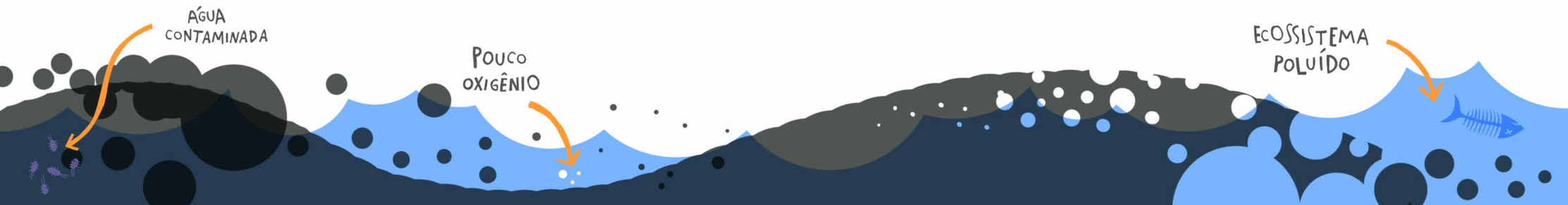
— Para... para o paraíso que existe além da correnteza... Um lugar mais limpo e puro e...— respondeu o peixinho, cada vez mais zonzo.

— Quer ser pescado, peixe? — interrompeu a Língua Negra. — Seu lugar é aqui, no meu abraço escuro, onde você pode dormir e esquecer todos os problemas do mundo! Venha ficar comigo. Minha cama é quente, e vai lhe dar a paz que você procura...

Foi então que Douradinho percebeu que a poluição daquele lugar era a própria Língua Negra. Ela estava envenenando-o aos poucos, com as palavras e com o esgoto. Ele ficou assustado e reuniu forças para sair dali.

Fazendo um grande esforço, o cascudinho nadou para longe daquele abraço gosmento, tentando não prestar atenção na voz grossa da Língua Negra, que ressoava cada vez mais distante:

— Não me incrimine, peixe. A culpa é dos humanos e de suas descargas. A culpa é das pessoas e da irresponsabilidade delas. A culpa é dos seres humanos! A culpa é dos seres humanos!





UMA NOVA AMIGA

O dia amanhecia quando Douradinho acordou.

— Uhaaa! Bom dia, Latinha! Dormiu bem? — a lata brilhou. Parecia contente.

Douradinho não sabia onde estava. Ele se escondeu no meio de uns galhos para fugir da desagradável Língua Negra e acabou pegando no sono.

— Será que aqui estou seguro? — refletiu Douradinho.

— Seguro? — uma voz bem aguda gritou, ofegante. — Não seguro mais nada! Já estou sobrecarregada!

— Quem fala? — perguntou o peixe, preocupado.

— Aqui, filho! Você dormiu no meu colo!

As raízes da Árvore, que estavam submersas, conversavam com Douradinho.

— Você é uma raiz, não é? — perguntou o peixinho.

— Um tanto mais que isso, queridinho! — riu a Árvore. — Você está vendo apenas parte de mim. Estou aqui fora, plantada à beira do rio. Sou uma árvore.

— E o que é uma árvore? — perguntou o cascudinho, curioso. — Não polui o rio, polui?

— Claro que não! Na verdade, acho que o rio não existiria sem mim. Hahaha! — a Árvore ria e arfava! — Minha missão é preencher o mundo com vida! É um trabalho muito importante!

— Então, por que você disse que não quer segurar mais nada? — perguntou ele, deixando a Árvore sem graça.

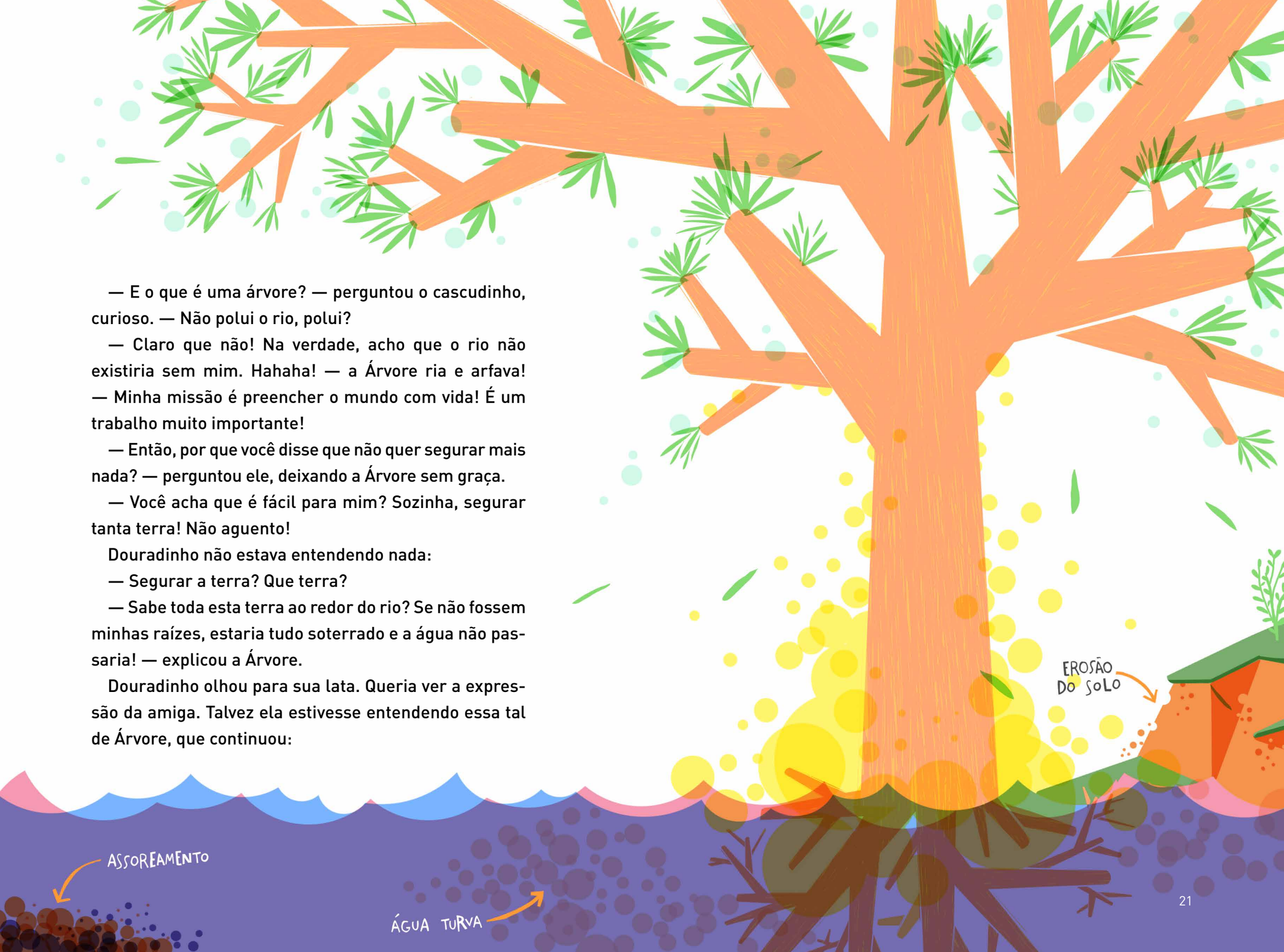
— Você acha que é fácil para mim? Sozinha, segurar tanta terra! Não aguento!

Douradinho não estava entendendo nada:

— Segurar a terra? Que terra?

— Sabe toda esta terra ao redor do rio? Se não fossem minhas raízes, estaria tudo soterrado e a água não passaria! — explicou a Árvore.

Douradinho olhou para sua lata. Queria ver a expressão da amiga. Talvez ela estivesse entendendo essa tal de Árvore, que continuou:





— Nesta margem do rio, apenas eu permaneci. Mal tenho forças para segurar tanta terra! Antes, havia muitas árvores! Como era bom! Tagarelávamos muito! Sabe, criávamos passarinhos. Cada uma com um ninho diferente nos galhos. Mas isso faz muito tempo!

—Não sabia que alguém trabalhava pelo bem do rio... — disse Douradinho, espreguiçando-se.

— Pois é, mas hoje em dia são poucos os que respeitam o rio... — concluiu a Árvore, triste.

Douradinho lembrou da Dona Língua Negra e falou:

— Concordo... Conheci alguém que só atrapalha...

— Eu também conheço! — a Árvore sacudia suas raízes. — Quem mais causa estragos é o ser humano! Humpf! Joga tudo o que é tranqueira no rio, arranca minhas irmãs árvores para transformar o solo em pasto... Onde já se viu? Beira de rio não é lugar para boi pastar!

— O que é um boi? — perguntou Douradinho, curioso como sempre.

— Ah... Esquece! — retrucou a Árvore, cansada.

O peixe resolveu perguntar se ele estava no caminho certo para a nascente, o paraíso. A Árvore respondeu:

— Alguns passarinhos me falaram de um lugar, subindo o rio, que ainda está preservado. Não posso garantir que eles estejam certos. Você não conhece os passarinhos... — a Árvore soltou uma risadinha — Mentirosos...

— Não quer ir comigo, Dona Árvore? Aposto que lá existem muitas como você! — exclamou Douradinho, feliz com sua ideia.

— Hahaha! Você ainda tem muito o que aprender, meu filho! Árvore não anda. E mesmo que andasse, eu não poderia deixar meu trabalho de lado. Você sabe, tenho que segurar a terra, senão este local corre o risco de desmoronar.

Douradinho ficou com pena de deixar a nova amiga sozinha, mas seguiu em frente. Chamando a Latinha, que sempre o seguia, continuou sua busca. Quem sabe lá no paraíso ele encontrará um belo presente para sua amiga Árvore?

O CAMINHO DE ÁGUAS CLARAS

A cada momento de sua aventura Douradinho descobria coisas novas:

— Olha lá, Latinha! — exclamou o peixe, animado. — O que será aquilo?

Douradinho apontava para um pequeno braço de água que se encontrava com o rio. Passando por ele, logo percebeu que a água não era suja. — Que delícia! — pensou Douradinho chegando mais perto — Como é diferente esta água!

O peixe nunca havia sentido uma água tão limpa na vida. Pensou até em seguir aquele caminho de águas claras.

— Alto lá! — disse alguém.

— Quem está aí? — perguntou Douradinho, olhando para todos os lados.

— Sou um dos afluentes do rio! Não chegue mais perto! — gritou novamente o Afluente.

— E o que é um afluente?

— Não se faça de bobo, peixinho! Até parece que você não estava se divertindo com o frescor de minhas águas limpas!

— Ah! Você é este bracinho gostoso de água que chega no rio! — sorriu Douradinho, entendendo tudo.

— Sou sim... Mas não pense que vai me enrolar com elogios. Não deixarei você entrar em meus domínios, se é este o seu plano! — reforçou o Afluente, com a voz firme.

— Claro que eu não entrarei nesses seus tais domínios, se isso for contrariá-lo. Mas, diga, por que não posso?

— Você acha que vou deixar entrar em meu mundo uma lata de alumínio como essa que você carrega? Nem morto! Aliás, já vi peixes com brincos, etiquetas, escamas tingidas, mas com uma lata de alumínio pendurada





na nadadeira... Nunca! É cada uma...

Douradinho ficou triste quando ouviu aquilo:

— Não fale assim de minha amiga! Ela pode ficar magoada! Não entendo por que ter tanto medo de uma simples latinha!

O Afluente explicou, impaciente: — Uma lata como essa, solta no rio, demora uma eternidade para ser degradada. É um lixo terrível!

— Não é terrível... — chorou Douradinho. — Ela é minha amiga, e você a está magoando!

Enfim, o Afluente amoleceu um pouco, com pena daquela criaturinha tristonha:

— Meu rapazinho! Tente entender! Existe uma fábrica aqui do lado que já joga lixo demais no rio!

— Mas você nem rio é... — soluçou Douradinho.

— Claro que sim! Faço parte dele! E uma parte muito importante! O que seria de um rio se não existissem afluentes para engrossar suas águas?

— Conheci uma árvore que também se considera muito importante para o rio... — disse Douradinho.

— Uma árvore! — o Afluente abriu-se em um sorriso manso. — Ela não está mentindo. Aliás, todos nós, seres que dependemos do rio, somos responsáveis por sua sobrevivência.

— Até as pessoas? — perguntou Douradinho, querendo saber mais.

— As pessoas! Sim, até as pessoas! — disse o Afluente. — Infelizmente, elas também usam a inteligência para construir fábricas que poluem o rio. Não entendo... Quando crianças, as pessoas adoram pescar e nadar nas águas claras. Depois, constroem esses monstros de poluição.

— Onde estão tais criaturas? — indagou Douradinho.

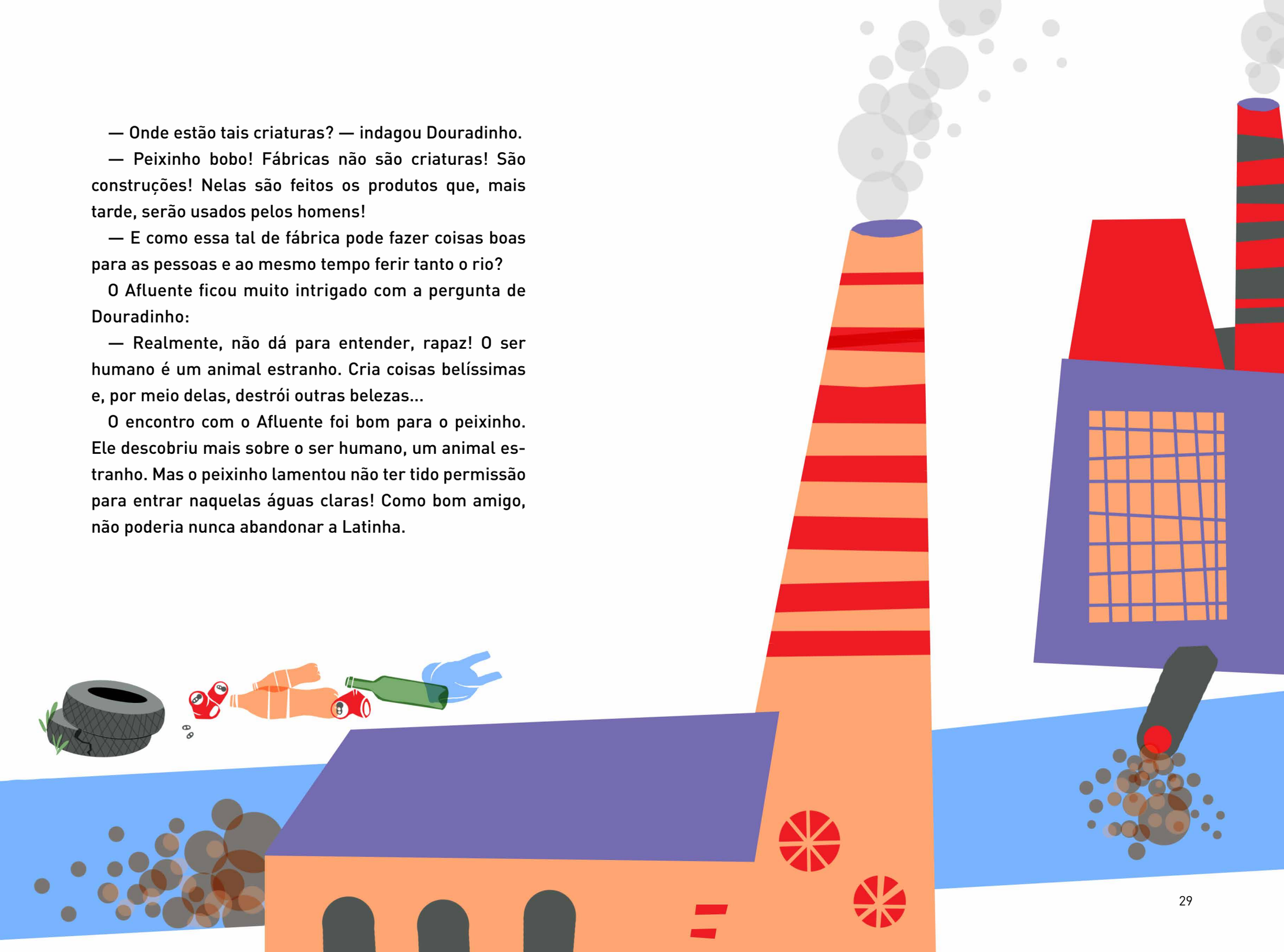
— Peixinho bobo! Fábricas não são criaturas! São construções! Nelas são feitos os produtos que, mais tarde, serão usados pelos homens!

— E como essa tal de fábrica pode fazer coisas boas para as pessoas e ao mesmo tempo ferir tanto o rio?

O Afluente ficou muito intrigado com a pergunta de Douradinho:

— Realmente, não dá para entender, rapaz! O ser humano é um animal estranho. Cria coisas belíssimas e, por meio delas, destrói outras belezas...

O encontro com o Afluente foi bom para o peixinho. Ele descobriu mais sobre o ser humano, um animal estranho. Mas o peixinho lamentou não ter tido permissão para entrar naquelas águas claras! Como bom amigo, não poderia nunca abandonar a Latinha.





ENCONTRO COM O HUMANO

Douradinho continuou nadando, e agora estava bem perto de muitas casas construídas à beira do rio. Eram bem pequenas, feitas de madeira e tijolos sem acabamento.

— Olhe, Latinha! É ali que as pessoas vivem!

A latinha brilhava muito naquele momento. O sol do meio-dia estava forte. Como o rio estava bem raso naquele trecho, Douradinho quase tocava a superfície.

Foi assim que ele conseguiu avistar pela primeira vez um ser humano. Lembrou-se, então, do que a Língua Negra havia falado: os seres humanos comem peixes. O cascudinho ficou com medo de ser pescado e nadou mais rapidamente.

— Lata! — disse Douradinho, aflito. — Acho que aquele ser humano está nos seguindo! Vamos fugir!

Realmente, alguém estava seguindo o peixe. Era a menina Lúcia, que caminhava para casa com sua boneca observando o rio quase seco e, de repente, reparou no brilho da latinha que Douradinho carregava.

— Tem alguma coisa debaixo do rio! Será um tesouro? — perguntou-se a menina.

Ela passou a seguir a latinha, que brilhava mais e mais.

— Uau! O brilho está indo contra a correnteza! — exclamou ela.

Douradinho pensou em tudo o que lhe contaram a respeito do ser humano e teve medo. Mas, como não tinha onde se esconder, olhou para sua amiga – que brilhava muito – e ganhou coragem para subir à superfície e perguntar:

— Ei! Por que você me persegue?

— Perseguir, eu? — perguntou Lúcia, mal acreditando que um peixe pudesse falar.

— Está me seguindo, sim! Homem mau! — gritou Douradinho, engolindo o medo.

Lúcia respondeu aproximando-se mais da margem:

— Primeiro, não sou um homem. Sou uma menina, uma criança. Segundo, não sou má. Apenas quero saber quem você é!

Douradinho lembrou-se do que o Afluente falou sobre os seres humanos quando crianças. Nessa idade, eles não oferecem perigo. Ciente disso, o peixinho parou de fugir e aproximou-se mais dela.

—Que louco! Um peixe com uma lata presa na nadadeira! — sorriu Lúcia.

— Louco digo eu! Nunca vi uma menina falar com um peixe antes. — devolveu o cascudinho.

— Devo estar impressionada com o que a professora ensinou na aula de hoje sobre o rio e ando vendo coisas... Ou será insolação?

— Por que falam do meu rio? Querem aterrá-lo? Arrancar suas árvores? Construir fábricas em suas margens? Desviar suas águas? — perguntou Douradinho.

— Calma, peixinho! Já disse que não sou malvada. A gente aprendeu, na escola, como proteger o rio!

— Não acredito! — disse o peixe, desconfiado. — Humanos querendo cuidar do rio? Essa é nova!

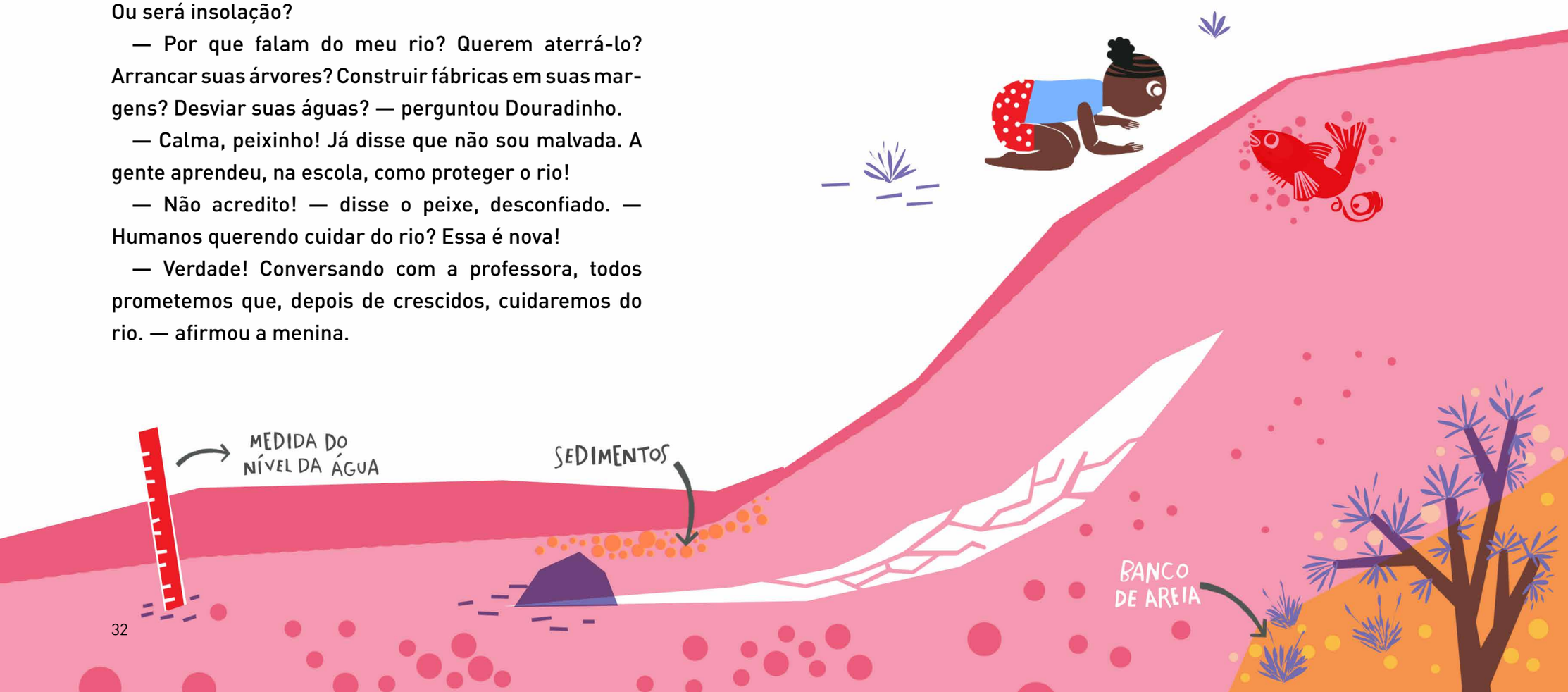
— Verdade! Conversando com a professora, todos prometemos que, depois de crescidos, cuidaremos do rio. — afirmou a menina.

Douradinho chegou ainda mais perto de Lúcia:

—Se quando crianças vocês aprendem sobre a importância do rio, por que quando crescem poluem, desperdiçam água e desmatam?

A menina franziu a testa, pensativa. O peixe tinha razão. Na casa dela, por exemplo, ninguém fazia nada para economizar água.

— Mas o que eu e meus amigos podemos fazer, se quem manda são os adultos? — indagou Lúcia, sentando na grama.



O peixinho pensou por um instante, e contou toda sua história para a menina. Falou do velho cascudo e da poluição na foz do rio; lembrou da Língua Negra e do seu cheiro azedo; contou também tudo o que aprendeu com a Árvore e o Afluente.

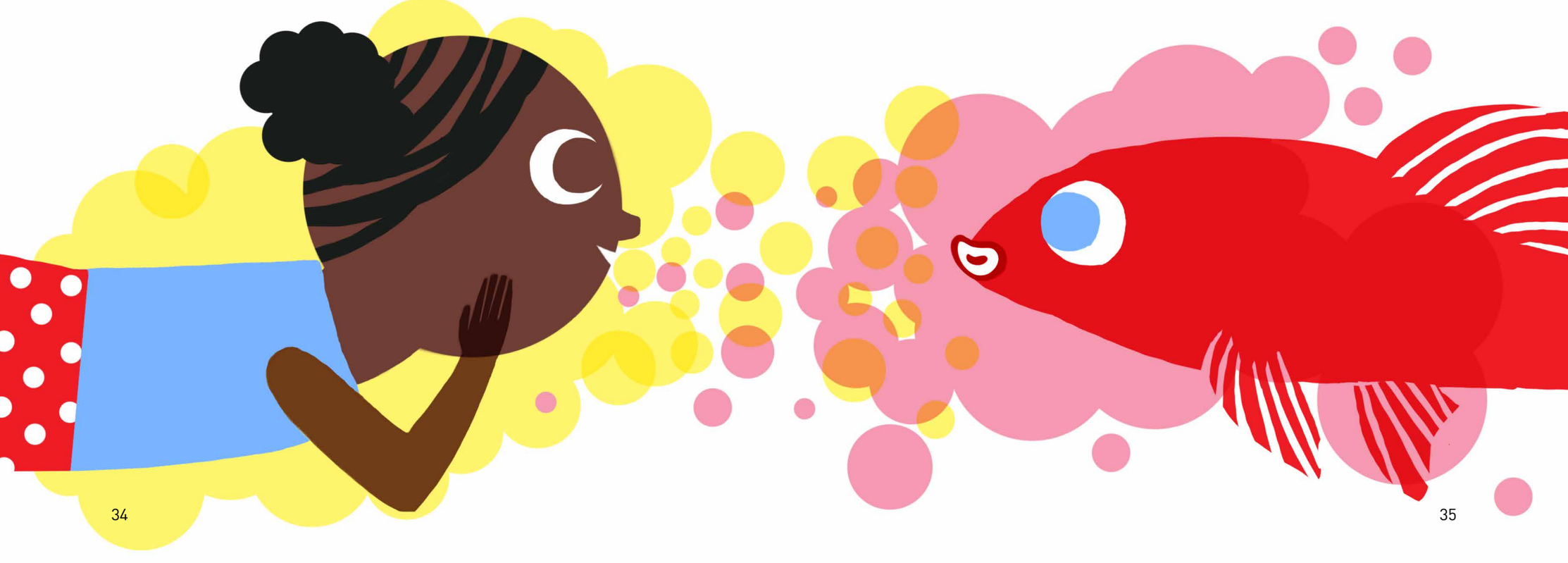
— Você diz que os adultos mandam, mas que tipo de natureza acha que eles deixarão para vocês quando crescerem? Olhe ao redor! Veja como o rio está secando! As crianças devem ser o exemplo de que o futuro precisa!

— Podemos ser o exemplo de que o futuro precisa... Sim! Amanhã mesmo vou conversar com meus amigos e professores. Tive uma ideia supersensacional! — exclamou a menina, dando um abraço em sua boneca.

Os dois ficaram conversando durante muito tempo na margem do rio, até que Lúcia ouviu sua avó chamar.

—Tenho que ir agora, Douradinho. Muito obrigada pelos conselhos! Posso fazer alguma coisa por você? Quer que eu tire essa lata de sua nadadeira?

— Não precisa agradecer, Lúcia. Quanto à Latinha, prefiro não tirar. Afinal, foi ela quem fez você reparar em mim... — disse Douradinho, afastando-se da margem.





NASCENTE

Douradinho não via a hora de chegar até o paraíso que diziam existir. Mas o tempo passava e ele encontrava apenas poluição pelo caminho.

— Tem certeza de que quer continuar me seguindo, Latinha? — a lata brilhou timidamente. — Aposto que está curiosa para conhecer o paraíso também, não é?

Sem que Douradinho percebesse, o rio estreitava-se mais e mais, e a água ficava bem mais limpa.

— Acho que estamos chegando, amiga!

Foi em uma manhã, depois de ter nadado a noite toda, que aconteceu. O sol nascia e jogava sobre o rio uma luz brincalhona. O céu abria-se e, entre pedras gigantes, o rio passava, lindo, cristalino e puro.

O peixinho ficou encantado com tamanha beleza. A água era fresca e boa para nadar. Havia muitas árvores plantadas nas margens. E muitos peixes brincavam e pulavam, celebrando o novo dia que nascia. Douradinho estava na nascente do rio.

— Chegamos, Latinha! Chegamos ao paraíso!

Logo, muitos peixes vieram recebê-lo. Nadavam e sorriam para o visitante. Douradinho também entrou na dança. Não sabia que seu rio, tão poluído correnteza abaixo, era tão lindo em sua nascente.

Muitas árvores balançavam seus galhos e mostravam seus passarinhos umas às outras, fofocando.



— Ah, se minha amiga Árvore estivesse aqui! — exclamou Douradinho.

Os peixes vieram falar com ele. Um a um foram se apresentando:

— Sou o Mandi, e você?

— Prazer, Mandi! Sou o Douradinho!

— E eu sou o Lambari. Muito prazer, Douradinho!

— O prazer é todo meu, Lambari.

Foi nesse momento que, depois de tanto nadar e lutar contra a correnteza, o anzol que prendia a lata ao peixinho soltou-se e foi levado com ela pelas águas.

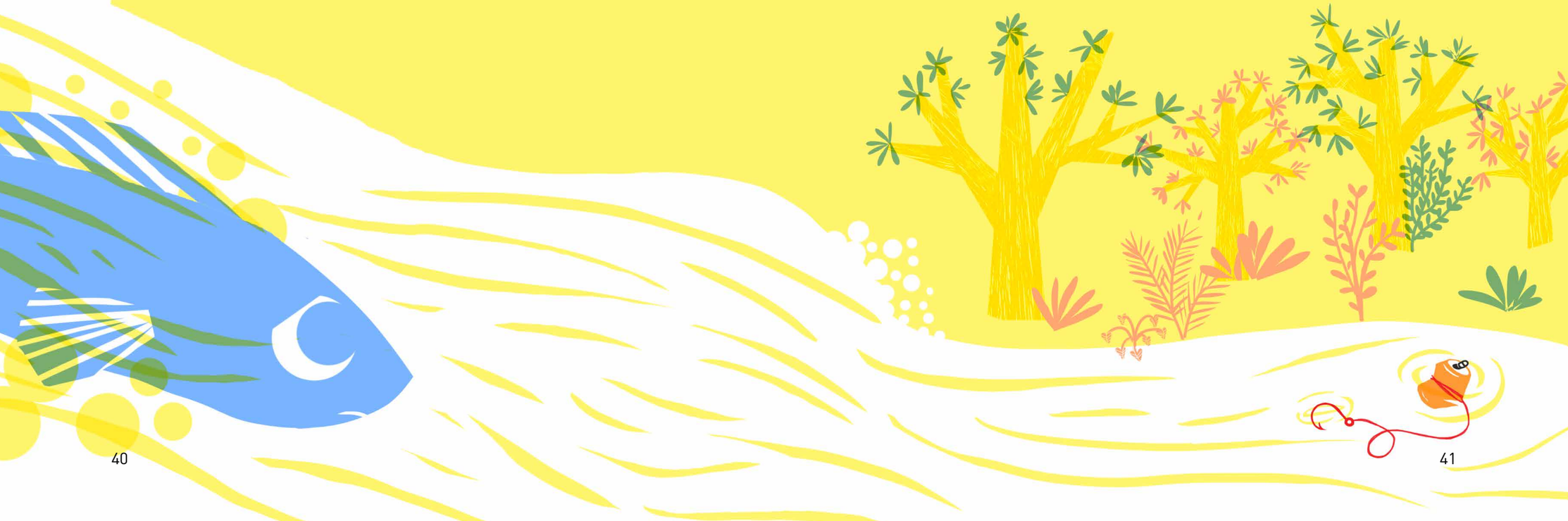
— Não! — gritou Douradinho, tentando em vão resgatar Latinha.

Mas sua amiga era muito leve e a correnteza a levou. O peixinho viu a pobre latinha ser levada rio abaixo até sumir para sempre.

O peixe chorou muito por sua amiga e também por si. Afinal, sem ela ele não poderia mais ser chamado de Douradinho.

No entanto, em toda tristeza existe uma força escondida. E o cascudinho descobriu essa força em si naquele instante:

— Vou salvar o rio, Latinha! Por você, pela Árvore, pela Nascente, pelo Afluente, pelas crianças e por mim! Eu juro!





RECOMEÇO

O pequeno Douradinho passou algum tempo morando na nascente do rio para recuperar-se de tantos anos respirando poluição. Quando se sentiu bem disposto, decidiu partir.

— Não vá, Douradinho! — choramingou Mandi.

— Tenho de cumprir minha promessa, meu amigo. — explicou Douradinho.

— O que um pequeno peixe pode fazer contra tamanha poluição? É melhor você ficar aqui, escondido! — insistiam todos.

Douradinho encarou os amigos com olhar decidido:

— Sei que não posso fazer muito. Mas também sei que, se ninguém tomar iniciativa, logo a sujeira estará aqui, nesta bela nascente. Não teremos para onde fugir. O rio secará e será o fim.

Douradinho nadou para perto da beira do rio e pediu para que uma das árvores desse a ele uma semente.

— Claro, peixinho! — disse Dona Goiabeira. — Aqui está!

Do galho mais alto caiu uma goiaba, que bateu no chão



e abriu-se em dois pedaços, jogando para dentro do rio algumas sementes. Douradinho pegou rapidamente uma delas com a boca e agradeceu. Seria um belo presente para certa amiga.

O peixinho voltou-se novamente a favor da correnteza e nadou pelo caminho que percorrera antes, mas na direção oposta. Viu o Sol e a Lua aparecerem e sumirem do céu várias vezes. Passou por diversos afluentes do rio – alguns nem tão saudáveis quanto o que conhecera.

Pelo caminho de volta, sentiu novamente a sujeira e o lixo e passou por trechos já bem secos. Mas não se lamentou. Tinha uma missão a cumprir.

Depois de muito tempo de viagem, avistou a Árvore, solitária, plantada no meio da erosão:

— Olá, minha amiga Árvore! Lembra-se de mim?

— Meu queridinho! Hahaha — Sorriu a árvore, cansada. — Que bom revê-lo! Você chegou ao paraíso?

— Consegui chegar, minha amiga! E lá senti a importância do seu trabalho!

A Árvore ficou emocionada com o elogio:

— Que é isso, menino!? Faço apenas o meu dever.

— Faz o seu dever, tudo bem. Mas, de agora em diante, terá companhia...

Para surpresa da Árvore, o peixe saltou acima da superfície e cuspiu, em um pedaço de terra ao lado, a semente de goiaba guardada na boca.

— Ah, meu filho... — emocionou-se a Árvore...

Não longe dali, na escola de Lúcia, as crianças começavam a organizar uma campanha, que a menina chamava de "Clube do Rio", para salvar as nascentes.

— Lúcia, o que foi mesmo que o peixinho disse pra você? — perguntou um colega.

— É verdade que ele tinha uma latinha presa na barbatana? — emendou outra colega, curiosa.

E Lúcia, em pé em um banquinho, respondia:

— Sim! Ele disse que...

É aqui que acaba (e recomeça!) a história do Douradinho. Ela sai do rio que corre pertinho da escola, passa de boca em boca, de sala em sala, de criança em criança... E volta para o rio, em um ciclo, tal como é o ciclo das águas. E é por meio das palavras e das ações delas – as crianças – que Douradinho vive até hoje.



INSTITUCIONAL

Desde 2002, o peixe cascudo Douradinho convoca crianças de todo o Brasil para sentir, pensar e agir em defesa dos rios e matas ciliares. Atualmente, o projeto conta com a parceria de dois grandes aliados: o Instituto Pelo Bem do Planeta e o Play the Call.

PELO BEM DO PLANETA

Trabalha na prevenção e mitigação de impactos gerados por desastres naturais ou pela ação humana, sempre com a participação das comunidades. No momento, a gestão de resíduos e a educação ambiental são os principais eixos temáticos do Instituto. Buscamos soluções que possam, além de proporcionar um meio ambiente saudável, desenvolver economicamente as comunidades.

Para mais informações, acesse:
www.pelobemdoplaneta.com.br

PLAY THE CALL

As atividades da segunda etapa do Projeto Douradinho são apresentadas em forma de missões com a gincana Play the Call. Play The Call é um jogo global que ambiciona mobilizar 2 bilhões de pessoas para salvar o mundo de verdade e está sendo criado por muitas pessoas talentosas de todas as partes do mundo que acreditam que as crianças e os jovens têm o poder de inspirar e liderar os adultos para mudar de atitude e salvar o planeta. A principal ferramenta deste jogo é a abundância de recursos gratuitos disponíveis tanto na internet, com informações e redes de apoio, quanto nos recursos materiais e humanos. Por isso dizemos que, nesse jogo, o tabuleiro é a internet e o seu bairro! Crianças e jovens são desafiados a convocar parentes, amigos e vizinhos para ajudá-los a cumprir as missões de forma rápida, divertida e sem botar a mão no bolso. A tarefa dos jogadores é realizá-las e compartilhar os resultados em suas Mídias Sociais para inspirar novas ações pelo mundo.

Para mais informações, acesse:
www.playthecall.com.br

TEXTO
Thiago Cascabulho

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÃO
Estúdio Rebimboca
www.estudiorebimboca.com.br

PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL
Caraminholas
www.caraminholas.com

COPRODUÇÃO
Instituto Pelo Bem do Planeta
www.pelobemdoplaneta.com.br

APOIO
Gincana Play the Call
www.playthecall.com.br

COORDENAÇÃO GRÁFICA
Miolo
www.miolopg.com.br

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Laura Amorim

RELACIONAMENTOS INSTITUCIONAIS
Eduardo Rocha

FOTOGRAFIA
Ricardo Abrahão

GESTÃO DE PROJETO
Mariana Guimarães

Contato:
thiago@caraminholas.com
(11) 9 6586-8365
www.caraminholas.com
www.projetodouradinho.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cascabulho, Thiago
Amiga lata, amigo rio / Thiago Cascabulho ;
ilustração Estúdio Rebimboca. -- 3. ed. -- Parati :
Caraminholas, 2017.

1. Literatura infantojuveil 2. Meio ambiente -
Literatura infantojuvenil I. Estúdio Rebimboca.
II. Título.

17-01025 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

“Eu achava o rio feio, sujo... Agora gosto dele porque aprendi que o Douradinho mora lá...”

Isabella, 9 anos, participante do Projeto Douradinho

www.projetodouradinho.com.br

PROJETO DOURADINHO EM CASA

PROJETO DOURADINHO NO DOCE

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

COM O APOIO DA GINCANA

PLAY THE CALL

PATROCÍNIO

Instituto CCR

taesa

PARCERIA

renova

PATROCÍNIO

BrazilFoundation

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL